

A OBSERVAÇÃO, A INDIVIDUALIDADE E A REPRESENTAÇÃO NO PROJETO.

Claudia Ota Suginohara¹

Resumo

A atividade de projetar, para arquitetos, designers e estudantes, pressupõe que cada pessoa tenha desenvolvido uma linguagem visual, através da qual as idéias possam ser trazidas para a forma no processo de concepção do projeto. Esta linguagem visual pode ser desenvolvida através de atividades de desenho, entre elas o desenho de observação, pelo qual podemos incentivar a observação na modalidade visual, que ocorre no hemisfério direito cerebral, também chamada de modalidade D. Através dos desenhos elaborados na modalidade D percebemos a atuação de cada individualidade no processo de representação.

Esta linguagem visual, desenvolvida através de um modo diferente de observar e representar objetos existentes, também pode ser utilizada para representar os objetos ainda não existentes, ou objetos do vir-a-ser, pois ambos os tipos de representação ocorrem na esfera da individualidade destinada a elaborar representações internas, no plano mental, antes de elaborá-las como desenhos ou representações externas.

Palavras Chave: Observação; Individualidade e representação, Desenho; Projeto

¹ Profa Dra Cláudia Ota Suginohara UNESP - FAAC - Depto de Desenho Industrial. e-mail: claudiaota@ig.com.br

Abstract

In order to designers and students to design, it means that they, as individuals, have to develop a visual language, as a way to bring ideas to the form on the design conception process. This visual language can be developed by drawing activities, as a drawing made on the visual mode. We can stimulate the observation on the visual mode, that takes place on the right side of the brain, or R (right) mode. Through the drawings made on R mode we can observe the individuality movements on the representation process.

This visual language, developed on the R mode, as a way to observe and to represent concrete things, can be used also to represent abstract things, or things that do not exist, because both types of representation take place on the individual place designated to make internal representations, on the mind, before making drawings as external representations.

Keywords: Observation; Individuality and representation; Drawing; Design

Introdução

Estudantes e profissionais em Desenho Industrial e Arquitetura utilizam a linguagem visual, através de desenhos e modelos, como meio de trazer para a forma suas idéias no processo de concepção do projeto.

Muitos alunos, ao iniciarem seus estudos, apresentam dificuldades exatamente nesta fase do processo de projeto, por terem pouca familiaridade em expressarem-se através de uma linguagem diferente da verbal.

Embora esta linguagem visual, que acompanha a etapa de concepção do projeto, possa ser entendida como uma ferramenta universal, há o modo particular como cada pessoa a configura para si, com o intuito de

utilizá-la como meio de expressão de sua individualidade. Ou seja, como toda a linguagem em uso ela é uma entidade viva, que ao interagir com as pessoas adquire suas características.

No Curso de Desenho Industrial, da FAAC-UNESP, a disciplina de Desenho de Observação é uma das que se propõem a, através de suas atividades, orientar os alunos na configuração de suas linguagens visuais.

Em nossa prática docente, para que as atividades do Desenho de Observação pudessem atuar no sentido acima descrito, tivemos que introduzir algumas modificações no que seria um curso de desenho tradicional e orientado para o aprimoramento das qualidades artísticas de um desenho, uma vez que os desenhos de concepção de projeto são elaborados para dialogar com o própria pessoa que projeta, numa espécie de atividade reflexiva sobre a própria produção, a qual precisa gerar auto-convicção, antecedendo os desenhos elaborados para uma apresentação junto a terceiros.

A seguir gostaríamos de apresentar alguns aspectos de nosso trabalho, os quais tem sido desenvolvidos como parte da pesquisa acadêmica entre 1998 e 2001.

A observação

Na disciplina de Desenho de Observa-



Figura 1

ção, ou mesmo no Curso para a Comunidade Externa, como foi o caso da Oficina de Desenhos durante o segundo semestre de 2000, inicialmente solicitamos aos alunos para elaborarem um desenho do rosto do colega, observando-o pelo ângulo frontal. Esse desenho, ao qual nomeamos de desenho testemunha, é feito segundo a experiência acumulada pelos alunos antes do início do curso ou disciplina. Os desenhos a seguir indicados, foram elaborados por nossos alunos, cujos nomes reais foram preservados sob nome fantasia.

No caso da figura 1 selecionamos, como exemplo, dois desenhos elaborados no Curso da Oficina de Desenhos pela aluna Marina, que estava concluindo o segundo grau e preparando-se para o exame vestibular.

Na figura 1 temos dois desenhos, o desenho do rosto frontal é o desenho testemunha e o rosto de perfil foi elaborado na 12ª aula da Oficina, três meses depois do desenho testemunha. Comparando-se os dois desenhos percebemos que há uma grande diferença entre os dois momentos em que foram elaborados, sabemos também que os exercícios de desenho realizados durante o período foram aplicados no sentido de mudar o modo de observar os modelos de desenho.

As técnicas de observar modelos que utilizamos tem como ponto de partida o método proposto pela Profª Drª Betty Edwards, as quais se fundamentam nas pesquisas do Dr. Roger Sperry, médico neurologista e pesquisador do Instituto de Tecnologia da Califórnia (CalTech) e Premio Nobel de Fisiologia em 1981, sobre a lateralização das funções cerebrais. Segundo o Dr Sperry os hemisférios cerebrais possuem habilidades diferenciadas, sendo que o hemisfério esquerdo é tido como dominante, no qual são processadas as funções verbais, lógicas e analí-

ticas, nomeadas de modalidade E, e o hemisfério direito é tido como complementar, no qual são processadas as funções visuais, musicais e poéticas, nomeadas de modalidade D. (EDWARDS, 1994).

Na figura 1, o desenho do rosto frontal, ou desenho testemunha, nos mostra como a observação se processou no hemisfério verbal dominante, na modalidade E, pois o desenho mostra-nos apenas as partes das quais um rosto frontal é composto, sendo mais um desenho analítico e esquemático sobre um rosto em geral, do que um desenho representativo do rosto da pessoa observada, no caso o rosto do aluno Paulo. Já o desenho do rosto de perfil nos mostra como a observação se processou no hemisfério cerebral direito, na modalidade D, pois o desenho mostra como as partes de um rosto em perfil se relacionam e caracterizam a pessoa observada, no caso o rosto da aluna Camila.

Na figura 2 temos exemplos de desenhos de dois dos alunos da turma de 2001 do Curso de Desenho Industrial. Os desenhos de cima são do Flávio e os desenhos de baixo da Elisa. Trata-se do segundo exercício de desenho da disciplina, ou seja os alunos estão apenas começando a praticar a observação na modalidade D. Os desenhos da esquerda foram feitos em aula, sendo o modelo dado, uma xerox de um desenho de Leonardo da Vinci, observado de cabeça para baixo, como estratégia para inibir temporariamente a observação na modalidade E. Se compararmos os desenhos da esquerda com os da direita, veremos que há uma diferença, pois os desenhos da esquerda apresentam uma deformação em relação a observação da face semi-oculta do modelo, em ambos os desenhos. Nesta parte da observação os alunos saíram da modalidade D e entraram na modalidade E, ao valorizarem o tamanho do olho esquerdo em relação a face semi-oculta do modelo. Tal deformação no

desenho, originada na observação, foi corrigida nos desenhos da direita, refeitos em casa pelos respectivos alunos.



Figura 2

A individualidade

Entre a observação que fazemos no mundo externo, ou sensório, e o desenho que executamos no papel, este desenho enquanto uma representação externa, de um objeto ou coisa existente no mundo externo, há um passo intermediário que efetuamos dentro de nossa mente, a qual podemos denominar de representação interna, por situar-se dentro da individualidade, ou sujeito que observa, e portanto do lado oposto ao mundo externo ou sensório.

Um modo simples de percebermos esse passo intermediário, ou da representação interna, pode ocorrer quando escolhemos como modelo um objeto existente que seja igual para todos os alunos. Não pode ser

um objeto tridimensional, como por exemplo uma mesa, pois em relação ao modelo mesa haverá pontos de vistas distintos, dependendo da posição em que cada observador se situar em relação ao objeto tridimensional. Contudo, em relação a um modelo que seja um objeto bidimensional, como no caso do modelo já comentado, ou seja uma xerox de um desenho do da Vinci, podemos considerar que o modelo observado é o mesmo para todos os observadores.

Na figura 3 temos quatro desenhos, os da direita continuam sendo os desenhos realizados pelo Flávio e pela Elisa, sendo o situado acima, do lado esquerdo, o modelo apresentado através de uma xerox do desenho de da Vinci e aquele situado abaixo do modelo é o desenho do aluno Rafael.

O modelo fornecido aos alunos, já é em si um desenho que resultou de uma representação interna feita pelo artista da Vinci, a respeito da modelo feminina que pousou para ele. O desenho do artista expressa em termos formais as características formais do rosto de sua modelo, mas também algo do modo como a expressão fisionômica falou aos seus sentidos, às suas sensações. E inclusive, o modo peculiar como um canhoto executa o grafismo para sombrear, num sentido de traço diferente do que faria um desenhista destro (NOVA CULTURAL, 1991).

Os desenhos dos três alunos também nos mostram as características formais indicadas no desenho do artista, podemos perceber que se trata de desenhos feitos a partir da observação do modelo fornecido, ao olharmos os desenhos dos alunos sabemos que eles se referem a um único e mesmo modelo. Contudo, as expressões faciais dos três desenhos são diferentes entre si e inclusive do desenho do artista. Nestes desenhos, no que se refere às expressões faciais, atuou o modo como cada indivíduo percebe os fatos do mundo sensório. Tal modo parti-

cular de receber as impressões sensórias, não descaracterizou o modelo fornecido, apenas representou o modo como cada aluno foi impressionado pelo modelo. Ao olharmos os quatro desenhos em conjunto podemos dizer que se trata de uma mesma pessoa retratada, porém com expressões diferenciadas. Tal não ocorreria se fizéssemos as representações por meio de uma máquina xerox, elas seriam simplesmente cópias e não trariam os traços das individualidades que observaram e fizeram as representações.

O modelo fornecido indica um certo tipo de grafismo para representar as luzes e as sombras, contudo mesmo seguindo o mesmo tipo de grafismo do modelo, podemos perceber como os tipos de traços que os três alunos usaram para seus desenhos também se diferenciam entre si. Estes tipos diferentes de traços já são indicativos do traço pessoal de cada aluno, o qual ficará mais evidente no final deste semestre, pelo fato de estar associado ao modo como cada individualidade percebe os fatos sensórios. Por exemplo, comparando os traços dos desenhos do Flavio e do Rafael, posicionados ao lado e abaixo do modelo, vemos que um utiliza traços mais contrastantes conferindo maior dramaticidade, o outro utiliza traços menos contrastantes conferindo maior alegria, e por fim o desenho da Elisa utiliza traços mais leves conferindo maior leveza à expressão facial do modelo fornecido.

Representação no projeto

No processo de projeto utilizam-se vários tipos de desenhos, neste texto estamos nos referindo aos desenhos conhecidos como desenho de criação, ou seja um processo composto por esboços, croquis e modelos de estudos.

De modo geral, os alunos do Curso de Desenho Industrial realizam, durante o pri-



Figura 3

meiro ano do curso, disciplinas voltadas para o desenvolvimento da representação na modalidade D, entre elas a do Desenho de Observação, o que em muito facilita o trabalho das disciplinas voltadas para o projeto, pois os alunos já encontram-se parcialmente familiarizados com a linguagem visual, e em alguns casos com o modo como cada individualidade dela se utiliza.

O desenvolvimento de uma linguagem visual própria tem que ser continuamente incentivada, de modo que esta venha a facilitar, a cada aluno, o modo como ele possa realizar o processo de concepção do projeto, trazendo idéias para a forma sempre que necessário.

Por se tratar de uma etapa criativa do processo de projeto, muitos tipos de atividades são necessárias, algumas como as atividades analíticas sendo processadas na modalidade E, outras como as atividades dependentes de uma linguagem visual tais

como desenhos de objetos existentes e similares, ou desenhos de objetos do “vir-a-ser”, não existentes, que devem ser processadas na modalidade D.

O processo de concepção de projetos tem sido objeto de poucos estudos. Percebemos tal realidade quando nos colocamos a procura de bibliografia específica sobre estes processos que ocorrem no mundo interno do designer ou do arquiteto. Exceto algumas poucas exceções, que nos mostram além do projeto proposto e executado, os esboços, modelos e argumentações que permearam o processo que concebeu um produto do “vir-a-ser”.

Na figura 4 selecionamos o trabalho de uma aluna de Projeto 1 (embalagem), da turma de 2000, mostrando justamente os vários esboços e alguns modelos em argila que elaborou para definir o projeto de embalagens, segundo as metas estabelecidas em fase analítica. Os esboços e modelos de estudos são elaborados em um período de dois meses, acompanhando a etapa de análises e compreensão das condicionantes do projeto. Inicialmente tais esboços são de natureza rudimentar e estereotipada, poucas pessoas pensariam em guardar tal produção. Contudo se o fizermos, poderemos ao final do período de dois meses, perceber o modo como as idéias e conceitos foram sendo trazidos para a forma, e como aos poucos fomos deixando para trás conceitos e formas preconcebidas e estereotipadas. Ao final do período de dois meses, os alunos estão em condições de elaborar a síntese do projeto. Esta síntese tem como referencial todo o processo de produção anterior de esboços e modelos, o qual, por sua vez, passa a ser também objeto de observação e análises, no sentido de se relacionar a produção sensorial com a produção de pensamentos, idéias ou conceitos

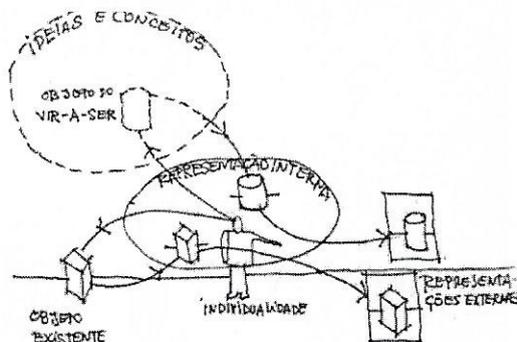


Figura 4

Conclusões

As atividades do desenho de observação contribuem para que os alunos possam desenvolver as suas linguagens visuais voltadas para a necessidade de se elaborar representações de objetos existentes. O acesso consciente à observação, na modalidade D, é a chave para o processo de modificar o modo de observar predominante, o qual é realizado na modalidade E. Em todas as atividades da disciplina estamos sempre orientando o modo de observar, deixando que cada aluno, ou individualidade, elabore para si a linguagem visual através da qual possa estar representando fatos visuais, isso inclui as técnicas de representação. Em nossa experiência prática temos percebido que, retirado o obstáculo que impede aos

alunos de observar na modalidade D, o processo de representação interna se enriquece, resultando em aumento da habilidade de elaborar a representação externa sob forma de desenho. Podemos perceber a atuação das individualidades dos



Figura

alunos, quando os modelos são iguais para todos, ou quando os traços pessoais começam a configurar a linguagem visual própria de cada um. A conquista de tal linguagem, e também o reconhecimento desta conquista pelo próprio aluno, são importantes no sentido de gerar a autoconfiança no processo de representação.

Tal habilidade tem se refletido no processo de concepção de projetos, através de desenhos e modelos de estudo. O processo de elaborar representações internas, seja a partir da observação de objetos existentes, ou a partir da esfera das idéias e conceitos é o mesmo, ocorrendo na esfera das representações internas de cada individualidade.

Na figura 5 elaboramos um desenho no qual indicamos de modo esquemático o processo de observação e representação a partir de objetos existentes, e o processo de representação a partir da esfera das idéias e conceitos. Nas atividades de desenho e projeto estamos, enquanto individualidades, constantemente elaborando e enriquecendo o nosso processo de representações.

Na cultura ocidental o processo de sín-

tese do projeto ocorre na medida em que nos utilizamos de ambas as funções da lateralização cerebral, relacionando as atividades elaboradas na modalidade D e na modalidade E, a atividade analítica e a atividade de representar. Contudo, temos que buscar constantemente tal processo de utilização de ambos os hemisférios cerebrais, se quisermos relacionar a atividade racional com a sensorial, pois elas se processam de modo separado em nossa mente, caracterizando a mentalidade ocidental predominantemente analítica.

Segundo o médico neurologista e professor-pesquisador da Faculdade de Medicina da USP, Dr. Raul Marino, as recentes pesquisas sobre as lateralizações dos hemisférios cerebrais, comparando-se as funções cerebrais em culturas diferentes, tais como a ocidental e a oriental, no caso a japonesa, indicam que para a mentalidade japonesa os processos de síntese ocorrem no hemisfério dominante, ou esquerdo, devido ao fato das atividades lógica e sensoria serem processadas no mesmo hemisfério cerebral, ou seja no hemisfério esquerdo, caracterizando uma mentalidade lógico-sensoria, enquanto que na cultura ocidental a síntese ocorre através da utilização de ambos os hemisférios cerebrais, os quais processam de modo separado o lógico e o sensorio. Esta característica, desenvolvida pela mentalidade japonesa, não é genética ou hereditária, mas resultante de um atributo linguístico, do modo como a língua japonesa é falada, ouvida e interpretada, ou seja, é uma característica adquirida e desenvolvida através da vida cultural.

(MARINO, RAUL. 1989).

Bibliografia

EDWARDS, Betty. Desenhando com o Lado

Direito do Cérebro, tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro : Ediouro, 1984.

MARINO, Raul. O Cérebro Japonês. São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão / Estúdio Massao Ono, s/p.1989.

NOVA CULTURAL (ed). Michelangelo, Da Vinci, Botticelli. Coleção Os Grandes Artistas, volume: Gótico e Renascimento. São Paulo: Nova Cultural